

AS REPERCUSSÕES E REFLEXÕES DO LUTO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Sabrina de Farias Roberto Freitas Tavares¹

Luciana Carla Barbosa²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo levantar dados acerca do luto infantil e suas repercussões no desenvolvimento da criança. Este artigo trata-se de uma revisão bibliográfica o levantamento utilizou as bases de pesquisa LILACS, PePSIC e SciELO e livros especializados. As publicações analisadas foram da literatura nacional dos últimos vinte e cinco anos além do aporte teórico ter como base, grandes referências nacionais e internacionais de livros clássicos do tema. A partir da releitura, foi possível levantar dados e reflexões sobre o conceito de morte e possíveis estratégias de intervenção junto à criança enlutada em seu processo de adaptação.

Palavras-chave: Criança. Luto. Desenvolvimento. Família.

REFLECTIONS AND REPERCUSSIONS OF CHILDREN MOURN IN TO INFANTILE DEVELOPMENT

ABSTRACT

The present study has the objective to gather information about children mourning and its repercussion in to the child's growth and development. This article is a literature review and the consulted data survey was from specialized books and research bases like LILACS, PsPSIC and SciELOA. All the analyzed publications were from the past twenty-five years of national literature and furthermore classical books and international theoretical contribution were also resorted. From the main

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). E-mail: sabrina.r.tavares@gmail.com

² Professora doutora. Orientador do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). E-mail: lcarlapsi@gmail.com

review, it was possible to collect consistent data and produce reflections about death concept as well to generate ideas for potential intervention strategies regarding the mourning children process and adaptation.

Keywords: Children. Mourning. Development. Family.

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre a morte na cultura ocidental ainda é considerado um “tabu”; uma vez que as pessoas evitam entrar em contato com esse assunto. Seja por medo de se deparar com a perda de pessoas queridas, ou em virtude da resistência à sua própria finitude. Desde que “o mundo é mundo”, sabe-se que a morte faz parte da vida. Contudo, a dificuldade em conversar sobre a morte como uma possibilidade, perpassa as diversas fases da vida humana de forma a criar barreiras que impedem o entendimento de que a vida é constituída de etapas e que a morte é uma parte cessante desse processo. De acordo com Kovács (1992), o modo como se enxerga a morte, reflete às estratégias de enfrentamento que serão utilizadas pelo indivíduo durante a vida, essa percepção do morrer, modifica e afeta o modo de ser das pessoas. Para a autora supracitada:

A morte sempre inspirou poetas, músicos, artistas e todos os homens comuns. Desde o tempo dos homens das cavernas há inúmeros registros sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas, também, como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio (KOVÁCS, 1992, p. 2).

Ao longo dos anos, as manifestações diante da perda e do luto foram se modificando. Kovács (1992), afirma que cada cultura apresenta alguns preceitos de como a morte deve ser encarada e como esse ritual deverá ser cumprido pelo enlutado. A autora, baseada nos estudos de Ariès (1977), faz uma síntese relatando um breve histórico sobre as diversas épocas e, que na idade média as pessoas manifestavam seus sentimentos em relação às perdas de maneira livre e espontânea, porém, com a expansão do poder da igreja enquanto instituição houve uma mudança nas práticas, e a nova orientação era de que as pessoas fossem mais contidas e seguissem estritamente os rituais ditados exclusivamente pelo clero. O século XIX, foi uma época de grandes explosões sentimentais, onde a tristeza e a

dor eram cantadas em verso ou prosa, caracterizando a morte como romântica, dando origem a óperas dramáticas teatrais. Já no século XX, permaneceu a ideia de conter a manifestação do luto, uma vez que a sociedade condenava a expressão de dor, esperando que o sujeito reagisse com domínio e controle diante da situação. No que se refere às crianças, estas deveriam ser afastadas para que não fizessem parte daquele contexto, numa tentativa de disfarçar a morte, suprimindo o sofrimento infantil frente à perda (KOVÁCS, 1992).

Atualmente, embora esse assunto ainda seja considerado um paradigma, a sociedade de uma maneira geral vem ampliando o olhar em relação as questões do luto na infância. Há um entendimento por parte dos estudiosos contemporâneos de que a criança passa por várias perdas, processos naturais no desenvolvimento do indivíduo, contudo a maneira como cada um reage a esse fenômeno é singular. De acordo com Kovács (1992, p. 155), “O processo de luto por definição é um conjunto de reações diante de uma perda”. Sendo assim, o luto não está apenas relacionado à morte, outras perdas são vivenciadas, podendo-se destacar: o momento em que a criança inicia a vida escolar e perde o seu espaço de casa ou quando está hospitalizada e perde o convívio com a família e com os amigos, o contato com os seus brinquedos e até mesmo o conforto da sua cama e do seu espaço pessoal. Outro ponto importante é a transição da infância para a adolescência, o que envolve a perda do corpo infantil, além da mudança do olhar dos adultos para si, dando-se conta que perdeu o olhar infantilizado e acreditando ter deixado de ser interessante (ABERASTURY; KNOBEL, 1989).

Deste modo, percebem-se várias perdas e possíveis lutos na infância, inclusive, dentre elas, como a criança vivencia a morte de alguém querido. Estas indagações foram propulsoras para a leitura acerca desse tema, possibilitando reflexões sobre a importância de discutir esse assunto e despertando com isso, o interesse de estudar os reflexos decorrentes das perdas e o possível comprometimento no desenvolvimento infantil, seja ele físico, emocional e/ou cognitivo. A escolha por essa temática se deu a partir de um desejo de compreender todo esse processo que envolve a criança e, nessa perspectiva, objetiva-se primordialmente identificar, através de revisão bibliográfica, as possíveis repercussões no desenvolvimento da criança diante das perdas.

2 METODOLOGIA

Este trabalho de conclusão de curso trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza básica, de caráter exploratório descritivo que utiliza a pesquisa de revisão bibliográfica para a construção de um artigo. Gil (2010, p.29-31), caracteriza esse instrumento da seguinte forma:

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos.

Utilizou-se plataformas científicas virtuais como base de pesquisa (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde - LILACS, Portal de Periódicos eletrônicos de psicologia – PePSIC, Scientific Eletronic Library online – SciELO) e alguns livros clássicos científicos do tema. Foram pesquisados artigos que abordam sobre o luto na infância (crianças de 0 a 12 anos), no período de 1992 à 2014.

Para a elaboração desse trabalho, foram utilizadas as palavras chaves: criança, luto, desenvolvimento e família. O levantamento bibliográfico totalizou cerca de 42 referências, das quais 27 foram selecionadas, incluindo 16 livros e 13 artigos, 13 publicações foram excluídas pois não abordavam o tema da pesquisa, ou, não compreendiam a faixa etária pré estabelecida.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Na antiguidade, não existia o modelo de família como conhecemos hoje. Os seres humanos vivam em grupos e se organizavam conforme as suas necessidades. O grupo era responsável por prover alimento, segurança e o cuidado com as crianças e idosos. À medida que o homem foi se organizando socialmente, os indivíduos começaram a se agrupar em células menores, onde o nível de parentesco começou a ser levado em consideração, para que os bens materiais do grupo

fossem protegidos. Ainda hoje, é possível observar esse tipo de relação em algumas tribos e comunidades.

A família, desde os tempos mais antigos, corresponde a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida das pessoas, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo com o qual mantém constante interação (BIASOLI-ALVES, 2004 *apud* PRATTA; SANTOS, 2007, p. 248).

Portanto, a família possui um papel fundamental na constituição do indivíduo, o que compreende as questões de valores, de afetos e de possibilitar aos seus membros um lugar de acolhida e segurança. De acordo com Silva (2008, p. 216), “a criança ao nascer, já encontra um mundo organizado” e esse mundo tem formas e significados para ela. Contudo, é importante frisar que mesmo dentro das especificidades, independente de raça, crenças, religião ou contexto social, a família é importante para a formação do ser, assim como fundamental para o seu desenvolvimento (PAPALIA, 2013)

3.2 CONVERSANDO SOBRE O LUTO

Durante o ciclo da vida, o ser humano passa por várias fases em seu processo de desenvolvimento, o que traz, naturalmente, as questões de vida e as suas perdas. Para alguns autores, dentre eles, Torres (1999) e Bowlby (2004ab), a morte faz parte do processo da vida, assim como, afirmam que a criança vivencia o luto tanto quanto o adulto. Kovács (1992) traz que a elaboração dessas perdas é contínua e inerente ao processo do desenvolvimento do indivíduo. Ou seja, já na infância, a criança se vê diante de várias situações de perdas, dentre elas, o luto decorrente da separação dos pais no retorno ao trabalho ou ainda, no início da vida escolar. A partir desse primeiro rompimento, ela se depara com vários outros lutos ao longo da sua trajetória. Para Papalia (2013, p. 643), “As crianças poderão entender melhor a morte se, desde pequenas, forem apresentadas ao conceito e incentivadas a falar sobre isso.” Durante o desenvolvimento humano existem diversos aspectos relacionados às perdas e, de acordo com cada fase do entendimento da criança, pode-se abordar o assunto de forma que esta possa, aos poucos, perceber que essas questões ocorrem como um processo natural e parte da vida, ajudando-a a compreender que poderá lhe causar dor e sofrimento, porém, que sobretudo não é ela, a criança, a culpada pela morte. Quando um animal de

estimação morre, por exemplo, é uma oportunidade do adulto conversar com a criança, permitindo que ela se expresse em relação aos sentimentos, garantindo um espaço de fala, reflexão e manifestação de suas emoções, o que a ajudará na elaboração e adaptação do processo de luto.

A criança passa pelas mesmas fases de luto que o adulto, desde que esteja de posse dos esclarecimentos de que necessita e que devem ser fornecidos, levando-se em conta o seu nível cognitivo e capacidade de compreensão (KOVÁCS, 1992, p. 157).

Portanto, compreender que a criança se desorganiza diante da perda e, que isso é peculiar e subjetivo de acordo com a fase de vida, é imprescindível. A vivência do luto poderá transcorrer de forma saudável, se houver disponibilidade do adulto em abrir um espaço para a escuta e acolhimento aos sentimentos da criança.

3.3 CONCEITO DE MORTE NA INFÂNCIA

Torres (1999) classificou através de um estudo, utilizando como base os estágios do desenvolvimento infantil na visão de Piaget, a compreensão do conceito de morte para a criança. Esse trabalho é um dos poucos onde um teórico apresentou definições sobre o luto na infância em cada faixa etária.

1 Período Sensório motor: crianças de 0 a 2 anos (antes da aquisição da fala elaborada)

O conceito de morte não existe; A morte é percebida como ausência e falta;

A morte corresponde a experiência do dormir e acordar: percepção do ser e não ser.

2 Período Pré Operacional: Crianças de 3 a 5 anos

As crianças compreendem a morte como um fenômeno temporário e reversível. Não entendem como uma ausência sem retorno; Atribuem vida a morte, ou seja, não separam a vida da morte; Não distinguem os seres animados dos inanimados e entendem a morte ligada a imobilidade; Apresentam pensamento mágico e egocêntrico; São autorreferentes e

para elas tudo é possível; Compreendem a linguagem de modo literal/concreto.

3 Período Operacional/concreto: Crianças de 6 a 9 anos

Apresentam uma organização em relação a espaço e tempo. Distinguem melhor os seres animados dos inanimados; Entendem a oposição entre a vida e a morte; Compreendem a morte como um processo definitivo e permanente;

Compreendem a irreversibilidade da morte; Há uma diminuição do pensamento mágico, predominando o pensamento concreto.

Alguns adultos equivocadamente julgam o fato de que a criança, por ser pequena, não tem condições de compreender a morte. Justificativas como “virou uma estrelinha”, “viajou para longe”, “mudou de cidade”, são as mais comuns, evitando falar a palavra morte. Sobre esse ponto de vista, Bowlby (2004ab), enfatiza que os conceitos relacionados à ligação e perda na primeira infância, são componentes importantes para a vida da criança, bem como, a ansiedade de separação para o processo de compreensão do luto e, à medida em que isso ocorre, ela expressa ansiedade da separação e medo por algo não característico (interno ou externo). Ou seja, as primeiras perdas são importantes e servem de base para que a criança aprenda a lidar com as questões de luto durante a sua vida.

Com base nessa afirmação, compreende-se que, quando o adulto priva a criança de falar sobre a morte, ele acaba por impedir o seu desenvolvimento pleno, pois, ter contato com o processo de luto possibilita a ela, o amadurecimento frente às perdas.

3.4 O LUTO FRENTE ÀS PERDAS SIMBÓLICAS E AS PERDAS REAIS

O conceito de luto não se limita apenas às questões de morte, isso porque ele envolve o enfrentamento das diversas perdas reais e simbólicas durante o desenvolvimento humano (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013). Contribuindo com esse entendimento, Klein (1940), citada por Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013, p. 98) traz que, “Ao perder o seio e toda a sua simbologia de bom e segurança que esse objeto carrega, o bebê é tomado pelo sofrimento mesmo

estando ao lado da mãe”. Com base nessa afirmação, é possível pensar sobre a importância dos afetos e dos vínculos, que oferecem suporte e acolhimento para aqueles que vivenciam momentos difíceis.

Seu mundo interior, aquele que vinha construindo desde o início da vida, foi destruído em sua fantasia quando ocorreu a perda real. A reconstrução desse mundo interior caracteriza o trabalho de luto bem sucedido (KLEIN, 1940, p. 406 citado por CAVALCANTI, 2013, p. 98).

Quando se trata de perdas simbólicas, um outro exemplo claro são as transformações que envolvem as diversas mudanças que ocorrem durante a transição do corpo infantil na puberdade. Contudo, o indivíduo tem a capacidade de se adaptar às novas possibilidades que surgem a partir desses momentos e ainda, de acordo com Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013), isso compõem um repertório reativado em experiências consecutivas.

Por outro lado, quando se tratam de perdas reais, como por exemplo a morte, crianças pequenas, embora expressem medo, acreditam “[...] na sua reversibilidade e no seu poder de desfazê-la, e isto faz parte do desenvolvimento infantil normal” (KOVÁCS, 1992, p. 23). Contudo, à medida que a criança vai compreendendo o significado da morte, vai também conseguindo entender que se trata de algo que não volta atrás e esta por sua vez, passa a temer também a sua. Ainda de acordo com a autora, o medo é a resposta psicológica mais comum diante da morte. Isso inclui perder as coisas e as pessoas por quem elas têm afeto.

3.5 REAÇÕES COMUNS DIANTE DA PERDA

Partindo do princípio de que cada indivíduo em sua singularidade, independentemente da idade, elabora o luto de forma particular, compreende-se a importância de entender que as reações serão peculiares, de acordo com cada modo de ser, considerando a personalidade, a relação com a pessoa perdida, o tipo de morte, a existência de um suporte e a espiritualidade. “Os processos defensivos são constituintes regulares de todo o processo de luto, em qualquer idade, e se tornam patológicos quando assumem caráter irreversível, fazendo parte integrante da vida” (KOVÁCS, 1992, p. 157). Uma outra consequência oriunda da perda é o sofrimento. E ainda de acordo com a autora, “A morte de pessoas queridas provoca

imensa dor, não falar com intuito de proteger da dor tem efeito contrário, aumentando a angústia e a confusão.” Os reflexos das vivências na infância, podem agir como componentes de algumas dificuldades ou ainda, patologias na vida adulta. Dessa forma, embora nem todas as abordagens da psicologia tratem as questões da infância como fundamentais para o desenvolvimento humano, estudos comprovam a importância das experiências vivenciadas nessa fase e na construção do indivíduo.

Perder algo ou alguém por quem se tem afeto, faz com que o ser humano de desestabilize, ainda que por um tempo, até que se (re)organize diante da dor causada pela separação. As crianças, reagem a uma separação de formas distintas, quando ela se dá de maneira inexplicável, há uma tendência a causar estresse, porém, quando a ausência é permanente, causa o luto (BOWLBY, 2004ab).

3.6 REPERCUSSÕES PATOLÓGICAS

Alguns autores apontam possíveis reações ligadas ao processo de elaboração do luto. Para Kovács (1992), nessa fase que o sujeito se encontra é comum ocorrer alguns sinais decorrentes desse processo, além disso, sintomas físicos e/ou emocionais são desencadeados; como a tristeza, a baixa autoestima, a falta de interesse pela vida social, falta de apetite, distúrbios do sono, ansiedade, assim como outros aspectos associados ao tipo de vínculo. Entre os fatores que influenciam o luto da criança, está a fase na qual ela se encontra, e de que forma ela compreende de acordo com o seu nível de entendimento. Em seu texto *Luto e Melancolia*, Freud (1917), aponta uma série de reações anormais no sujeito que vivencia o luto sem que necessariamente, sejam consideradas patológicas. Nos traz ainda que ocorre um profundo desânimo, falta de interesse pelo mundo externo e perda da capacidade de amar, por exemplo.

Corroborando com essa afirmação de Freud apud Kovács (2011), apresenta uma pesquisa de Harris (1991), onde verificou-se que crianças manifestam sintomas físicos e psíquicos, apresentando problemas na escola quando vivem mortes de pessoas próximas. Esse tipo de experiência poderá levar a criança a apresentar problemas sociais, baixa autoestima e ansiedade, o que ressalta a necessidade de os professores saberem desses fatos para compreender e acolher seus alunos. Durante a passagem do pensamento pré-operatório para o pensamento operatório-concreto, Papalia, Feldman e Martorell (2013) afirmam que são desenvolvidos os

conceitos em relação a irreversibilidade e universalidade e, que a partir disso, os conceitos de causalidade são amadurecidos.

Bowlby (2004) aponta para a compreensão do caráter doloroso do luto como um conjunto de sentimentos por vezes antagônicos como: um desejo constante de busca pela figura perdida, sentimento de culpa e alto grau de desorientação relacionado ao quadro da perda.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na análise feita do material selecionado, a partir da revisão de publicações relacionadas ao luto infantil e os possíveis impactos dessa vivência para as questões físicas, emocionais e cognitivas das crianças, foi possível identificar fatores que, de acordo com alguns teóricos, podem provocar repercussões no âmbito biopsicossocial.

Entre o primeiro e segundo ano de vida, o bebê passa a ser criança, e é nessa fase que ocorrem diversas transformações no desenvolvimento. De acordo com Papalia (2013), essas mudanças podem ser percebidas através da aquisição da fala, da transição do engatinhar para o andar e a partir dos aspectos que estão para além de físicos e cognitivos, relacionados a forma como a criança expressa sua personalidade e como isso influencia na sua interação com o outro. Na segunda infância, período entre 3 e 6 anos de idade, surgem as questões do emagrecimento e crescimento em ritmo mais rápido, característicos dessa fase. “As mudanças coordenadas pelo cérebro ainda em amadurecimento e pelo sistema nervoso, promovem o desenvolvimento de uma ampla variedade de habilidades motoras.” (PAPALIA, 2013, p. 246). Na última fase da infância, período entre 7 a 12 anos, a criança cresce de forma consideravelmente mais lenta, se comparada as fases anteriores. As habilidades motoras continuam evoluindo e o tempo de sono sofre algumas alterações. Papalia (2013), afirma, com base em Piaget, que na terceira infância as crianças atingem o estágio operatório concreto, quando utilizam dos recursos mentais para resolver os seus problemas reais.

Diversos autores contribuíram com estudos sobre a temática do luto infantil. Na tentativa de fazer relação às três fases da infância e aos prováveis impactos causados pelas perdas vivenciadas, foi possível levantar dados que abordam o olhar da criança sobre luto, as repercussões no seu desenvolvimento e algumas

possibilidades de estratégias de intervenção no processo de ludoterapia, apresentados nos quadros abaixo.

Quadro 1 – Características do Desenvolvimento, Concepção do Luto, Repercussões no Desenvolvimento e Sugestões de Estratégias de Intervenção

Idade	Características do Desenvolvimento	Concepção de Luto	Repercussões no Desenvolvimento	Sugestões de Estratégias de Intervenção
	Papalia (2013)	Chiattonne (2013), Torres (1999) e Kovács (1992)	Melanie Klein (1935) e Bowlby (2004)	Torres (1999)
0 a 2 anos	A criança se desenvolve progressivamente. O choro é o primeiro meio de comunicação do recém-nascido, em seguida inicia-se a fase dos gestos e os bebês começam a controlar o seu corpo aprendendo a engatinhar, sentar, andar e falar.	Para os autores, embora a criança sinta a falta, não há concepção de luto nessa fase.	Klein e Bowlby, fazem uma análise sobre as percepções e os impactos das perdas na primeira infância. Observou-se que, os bebês e crianças pequenas vivenciam o luto, inclusive, levando-os a sintomas de tristeza, depressão, alterações leves de humor, o que poderá repercutir ao longo das fases da vida.	Contar a verdade, utilizando a linguagem da criança, facilitando a compreensão e acolhendo o seu sofrimento, ao invés de negá-lo, permitindo que ela expresse a forma como sente essa perda, de acordo com a sua capacidade cognitiva. Nessa fase, é imprescindível o trabalho de orientação junto à família.

Fonte: Material construído pela pesquisadora (2017).

De acordo com Chiattonne (2003), Torres (1999) e Kovács (1992), nessa fase, a criança vivencia sintomas ligados ao luto, porém não tem uma concepção sobre a morte, de fato. Para Melanie Klein, citada por Torres (1999), bebês e crianças pequenas ficam enlutadas e passam por várias fases, incluindo a depressão e suas diversas maneiras de reagir ao fenômeno. Ela afirma que o vínculo do bebê com o seio materno é de fundamental importância e que, a quebra desse contato, é a perda mais significativa que o indivíduo sofrerá, impactando-o até no seu modo de relacionar-se na vida adulta. Bowlby (2004ab), aborda em seus estudos a influência do contexto familiar e social e diferente de Klein, relaciona o luto, à perda das figuras da mãe e do pai ou cuidadores e não somente às questões

da separação do seio materno, afirmando ainda, que o luto é importante nas diversas fases da vida. Portanto, nessa idade, a criança embora não compreenda o luto, o sente de alguma forma a partir do vínculo estabelecido, alguns autores apontam, inclusive, que a partir dos 6 meses de vida, a criança sente o pesar. Dessa maneira, uma das estratégias de intervenção para se trabalhar essas questões com a criança enlutada, é acolher o sofrimento e falar a verdade de uma maneira que ela possa compreender, conforme a sua capacidade cognitiva, trabalhando especialmente com orientação à família e cuidadores, buscando ampliar o suporte à criança.

Quadro 2 – Características do Desenvolvimento, Concepção do Luto, Repercussões no Desenvolvimento e Sugestões de Estratégias de Intervenção nas fases de 3 a 6 anos.

Idade	Características do Desenvolvimento	Concepção de Luto	Repercussões no Desenvolvimento	Sugestões de Estratégias de Intervenção
	Papalia (2013)	Chiattonne (2013), Torres (1999) e Kovács (1992)	Weller e Weller (1992) e Bowlby (2004)	Paiva (2011)
3 a 6 anos	Emagrecimento e crescimento em ritmo mais rápido. Além disso, a capacidade de compreender e ou controlar os próprios sentimentos é um dos avanços nessa fase.	De acordo com Chiattonne, a criança de 3 a 5 anos, acredita que a morte não é definitiva e sim, uma separação provisória. Aos 5 anos, ela associa morte à velhice. Já aos 6 anos, tem uma nova percepção e reações afetivas. Corroborando com essa visão, Torres afirma que as crianças com idade média de 5 anos, embora percebam e identifiquem seres vivos e mortos, ainda não atingiram um grau de compreensão e elaboração para o conhecimento da morte de fato. Para Kovács, por volta dos 6 anos, a criança passa a enxergar a morte como algo irreversível.	Weller e Weller, constatarem em seus estudos, que crianças enlutadas apresentaram sintomas depressivos como, euforia, perda de interesse, tristeza, culpa, desempenho escolar diminuído, retardo psicomotor e ideação mórbida mais frequentemente que crianças não enlutadas. Sob o ponto de vista de Bowlby, a partir da sua teoria do apego, considera que nessa fase, a criança quando percebe a ausência permanente, a sua reação é de dor e sofrimento, oscilando entre desespero, ansiedade e raiva.	O psicólogo deve estar disponível para responder honestamente as dúvidas trazidas pela criança, garantindo um espaço de escuta que possibilite a expressão livre das emoções. Através da ludoterapia, deve-se trabalhar a morte de maneira que a criança possa compreender.

Fonte: Material construído pela pesquisadora (2017).

De acordo com Chiattonne (2003), a criança nessa faixa etária, compreende a morte como uma separação e ausência provisória, isso porque, ela acredita ser algo reversível. Aos 6 anos, a criança amplia sua noção sobre o morrer e o que antes estava ligado somente à velhice, passa a abranger questões relativas ao adoecimento, além de surgir o temor da morte dos pais. Corroborando com essa visão, Torres (1999), afirma que as crianças com idade média de 5 anos, embora percebam e identifiquem seres vivos e mortos, ainda não atingiram um grau de compreensão e elaboração para o conhecimento da morte de fato. Ou seja, não conseguem separar vida de morte, pois nessa fase, ainda não adquiriram a noção de constância. Na visão de Kovács (1992), a criança enxerga a morte como irreversível, porém, personifica, não considerando como universal. Do ponto de vista das possíveis repercussões, Weller e Weller (1992), identificaram que nessa fase, algumas sintomatologias vão desde depressão a alterações das características do comportamento e poderão ainda apresentar retardo psicomotor. Para Bowlby (2004ab), nessa idade a criança ao perceber a ausência definitiva, reage com sentimentos de desamparo, medo, angústia e ansiedade.

Como estratégias de intervenção, é possível utilizar recursos lúdicos mais complexos no processo terapêutico, assim como atuar com orientação aos familiares e cuidadores na tentativa de oferecer suporte que auxilie a criança na compreensão da finitude como parte da vida, assim como ajudá-la a lidar com as emoções oriundas dessa perda. É importante articular ferramentas que auxiliem a criança a perceber, que existem pessoas que a amam e que irão garantir o seu cuidado e a sua proteção. Nessa fase, através da ludoterapia, é possível utilizar alguns recursos como: O brincar, desenhos, livros específicos e vídeos, possibilitando uma adaptação ao luto.

Tabela 3 – Características do Desenvolvimento, Concepção do Luto, Repercussões no Desenvolvimento e Sugestões de Estratégias de Intervenção nas fases de 7 a 12 anos.

Idade	Características do Desenvolvimento	Concepção de Luto	Repercussões no Desenvolvimento	Sugestões de Estratégias de Intervenção
	Papalia (2013)	Chiattonne (2013), Torres (1999) e Kovács (1992)	Chiattonne (2003) e Silva (2005)	Paiva (2011)
7 a 12 anos	O crescimento é consideravelmente mais lento. As habilidades motoras continuam a melhorar e nessa fase, as crianças iniciam o pensamento lógico, considerando o contexto durante a análise de uma situação. Tem o entendimento de suas emoções e conseguem identificar o que as deixam com raiva e medo.	De acordo com as pesquisas de Chiattonne, a criança aos 7 anos, desenvolve a capacidade de julgamento, a compreensão e avaliação da causa e efeito. Aos 8 anos, percebe a morte como irreversível e como punição e destaca a não aceitação pela morte de um ente querido. Aos 9 anos, compreende a morte como processo biológico e a partir dos 10 anos, enxerga a morte como ameaça pessoal, como algo definitivo e permanente. Sob o olhar de Torres, aos 9 anos, a criança compreende e distingue seres animados dos inanimados, mas não consegue explicar logicamente a causalidade da morte. Para Kovács, entre os 9-10 anos, consegue dar explicações biologicamente essenciais e categóricas.	Em sua obra, Chiattonne afirma que, a criança a partir dessa fase, percebe a morte como ameaça real e se vê envolta a sentimentos negativos de angústia, com isso, a criança poderá apresentar comportamentos antissociais. Silva, em um dos seus casos clínicos, em que acompanhou dois irmãos (7 e 9 anos), observou que ao receber a notícia da morte dos pais, reagiram de maneiras distintas de acordo com o grau de maturidade e cognição. Contudo, observou que quando não há um espaço de escuta, podem ocorrer sentimentos ambivalentes em relação à morte, dificuldades em estabelecer novas relações gerando sensação de abandono e medo, o que compromete o desenvolvimento no que se refere às habilidades sociais e de integração.	Alguns recursos através do brincar, poderão ser utilizados, como jogos e desenhos, possibilitando que a criança expresse suas fantasias e emoções. Sugerir a caixinha de recordações da pessoa que morreu, é também uma importante estratégia para que ela possa (re)visitar sempre que sentir saudade.

Fonte: Material construído pela pesquisadora (2017).

Na terceira infância, período que corresponde dos 7 aos 12 anos, os autores Chiattonne (2003), Torres (1999) e Kovács (1992), afirmam que a criança compreende a morte como uma punição, trazendo para si, o sentimento de culpa e negação. Nesta fase, ela consegue encontrar respostas lógicas para conseguir compreender, interessando-se pelo além da morte. Segundo Kovács (1992), nessa idade, a criança consegue compreender a finitude de forma biológica, elaborando respostas categóricas para os seus anseios. Sob o olhar de Silva (2005), não ter um espaço para a escuta e acolhimento à dor da criança, poderá lhe trazer sentimentos ambivalentes, além da sensação de abandono e medo, comprometendo o seu modo de se relacionar novamente. Nas idades entre 10 e 12 anos, a criança por ter total noção sobre a morte, sofre impactos de ordem social e afetiva. Ainda de acordo com a autora, a perda carrega sentimentos negativos e faz com que a criança se retraia numa tentativa de evitar um novo sofrimento. Entre os diversos recursos que poderão ser utilizados, destacam-se o uso de jogos, o desenho e a escuta no setting terapêutico, auxiliando a criança a perceber que existem outras pessoas disponíveis a cuidar e lhe dar o suporte quando necessário.

Diante de uma situação de perda para a criança, especificamente sobre a morte, é importante considerar que deve-se falar a verdade e que a linguagem seja coerente com a idade dela. Para ajudar a criança enlutada é necessário garantir um espaço de escuta, onde possa expressar as suas emoções livremente, assim como garantir que ela não estará sozinha. Paiva (2011), apresenta diversas maneiras, como ajudar a criança que vivencia o luto, pontuando alguns aspectos importantes como: acolher, aceitar os seus questionamentos, as suas reações e emoções, orientar a família e os cuidadores. A autora ressalta que, durante o processo terapêutico, algumas estratégias poderão ser utilizadas, como por exemplo, sugerir para a criança a criação de uma caixinha de recordações, onde ela poderá guardar fotografias, cartas, ou qualquer objeto que tenha valor afetivo ou ainda, que possua ligação com a pessoa querida que morreu. Além disso, ela enfatiza que de acordo com o seu tempo, a criança irá se reorganizar e a partir disso, elaborar a perda de maneira saudável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem estudos de autores diversos tratando a temática do luto na infância, contudo, poucos trouxeram as fases do desenvolvimento infantil relacionando-as concomitantemente com as repercussões e/ou sintomas provenientes do processo de desenvolvimento. Ao que parece, a dor da criança frente às perdas é negada, silenciada.

Através das leituras, constatou-se, que alguns autores afirmam que a criança desde bebê fica enlutada e, que de maneiras muito particulares, de acordo com suas faixas de idade, sentem e sofrem a perda de alguma maneira, assim como, dependendo do processo de adaptação e elaboração, influenciará nas fases seguintes da vida. Para ajudá-la, é preciso respeitar a subjetividade, o ritmo e a maneira como cada criança lida com a perda, conforme o seu nível de desenvolvimento cognitivo e emocional.

Os processos oscilatórios do luto infantil, geralmente são compreendidos pelos familiares e cuidadores como algo natural diante do contexto da falta, porém, ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa evitação aliviasse a dor e mudasse “magicamente” a realidade. O que ocorre na verdade, é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar. Com base nas leituras, é possível pensar a perda como algo danoso, que provoca angústia, tristeza, insegurança e tantas outras questões a partir das relações, sentimentos e vínculos afetivos.

Caminhos diferentes são apontados para conduzir o estudo das etapas de elaboração do luto. Dentro da psicologia, o mesmo fenômeno é visto de diversas formas a partir da abordagem utilizada, onde cada uma visa compreender e observar o desenvolvimento infantil de acordo com a sua perspectiva.

Estudar o luto infantil é desafiador; inicialmente pela dificuldade de acesso aos livros de autores considerados referências sobre o tema, porém, outras questões são relevantes, entrar em contato com essa temática possibilitou reflexões no âmbito acadêmico e pessoal. Todas as pessoas já perderam ou iram vivenciar perdas durante a vida, dessa forma, a partir das leituras, pôde-se compreender o quanto é importante olhar para a criança holisticamente e fomentar discussões acerca das práticas profissionais e os olhares de cuidado envolvidos nesse processo. Orientar as famílias e cuidadores é imprescindível para ajudar a criança enlutada,

assim como oferecer recursos que possibilitem uma melhor (re)organização emocional através da ludoterapia/psicoterapia, facilitando a compreensão de que ela irá seguir, mas, que de alguma outra forma, manterá uma conexão duradoura com a pessoa querida.

Ao final desse trabalho, pode-se afirmar que a criança em seu desenvolvimento, passa por diversos tipos de luto e a depender da maneira como o vivencia, sofre impactos significativos. Especificamente sobre o luto pela morte de alguém querido, a partir do vínculo, há um comprometimento afetivo e singular, uma vez que cada criança reage de forma própria, de acordo com o ponto de vista cognitivo e emocional, do seu modo de vida, da sua dinâmica familiar e de acordo com a maneira como os adultos, pais e cuidadores se disponibilizam ou não para ajudá-la nesse processo de (re)significar a perda. Além disso, é importante enfatizar que o adulto que cuida da criança, muitas vezes também está enlutado e por essa razão, pode ter dificuldade de oferecer o apoio saudável para a criança.

Portanto, concluiu-se que é imprescindível um olhar de cuidado e carinho diante da criança enlutada. É necessário acolher a sua dor e permitir que ela se expresse livremente, para que aos poucos, ela consiga se (re)organizar e perceber que não está sozinha, e que em volta, existe alguém para ajudá-la.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

AGUIRRE, Svetlana Bacellar; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Psicoterapia lúdica de uma criança com AIDS. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 229-237, set. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 6 nov. 2017.

ALMEIDA, Fabiane de Amorim. Lidando com a morte e o luto por meio do brincar: a criança com câncer no hospital. **Bol. psicol.**, São Paulo, v. 55, n. 123, p. 149-167, dez. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432005000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 19 abr. 2017.

ARIÈS, P. **A história da morte no ocidente**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

BOWLBY, John. **Apego e perda, v. 1: apego**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BOWLBY, John. **Apego e perda, v. 2: separação: angústia e raiva**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

BOWLBY, John. **Apego e perda, v. 3: tristeza e depressão**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK, Milena Lieto; BONFIM, Tânia Elena. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Psicol inf.**, São Paulo, v. 17, n. 17, p. 87-105, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 abr. 2017.

CHIATTONE, Heloísa Benevides de Carvalho... [et al.]. **E a psicologia entrou no Hospital**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

COHN, Clarice. A criança, a morte e os mortos: o caso mebengokré-xikrin. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 93-115, dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 24 mar. 2017.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 503-511, dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 24 mar. 2017.

FREUD, S. Luto e melancolia, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KLEIN, M. O luto e a sua relação com os estados maníaco: depressivos. In: _____. Contribuições à psicanálise. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

KOVÁCS, Maria Júlia (Org.). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1992.

LIMA, Vanessa Rodrigues de; KOVÁCS, Maria Julia. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 390-405, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 24 mar. 2017.

NASCIMENTO, Cecilia Cassiano et al. Apego e perda ambígua: apontamentos para uma discussão. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 426-449, set. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200008&lng=pt&nrm=iso>.

NASCIMENTO, Lucila Castanheira et al. Crianças com câncer e suas famílias. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 469-474, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342005000400014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 mar. 2017.

PAIVA, Lucélia Elizabeth; **A arte de falar da morte para crianças**: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. Aparecida: Ideias e Letras, 2011.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, ago. 2007.

SANTOS, Franklin Santana; SCHLIEMANN, Ana Laura; SOLANO, João Paulo Consentino (Ed.). **Tratado brasileiro sobre perdas e luto**. São Paulo: Atheneu, 2014.

SILVA, Daniela Reis e. Impacto do luto na criança: uma questão para a terapia familiar sistêmica. In: MAZORRA, Luciana. TINOCO, Valéria (Orgs.). **Luto na Infância intervenções psicológicas em diferentes contextos**. São Paulo: Livro Pleno, 2005. p. 169-199.

SILVA, Nancy Capretz Batista da et al. Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 215-229, 2008. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 25 abr. 2017.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Morte, luto e organização familiar: à escuta da criança na clínica psicanalítica. **Psicol. clín.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 63-76, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652006000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 mar. 2017.

TINOCO, Valéria; FRANCO, Maria Helena Pereira. O luto em instituições de abrigo de crianças. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 28, n. 4, p. 427-434, dez. 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 mar. 2017.

TORRES, Wilma da Costa. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Caso do Psicólogo, 1999.

VENDRUSCOLO, Juliana. Visão da Criança sobre a Morte. **Medicina (Ribeirão Preto. Online)**, Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p. 26-33, mar. 2005. ISSN 2176-7262. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/420>>. Acesso em: 19 apr. 2017.

WELLER, E. B.; WELLER, R. A. **Luto em crianças e adolescente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

AGRADECIMENTO

As pessoas que amo, a minha gratidão pela compreensão das ausências durante esse percurso. Agradeço ao meu esposo Antonio André pelos incentivos e apoio. Aos meus filhos, André e Théo; minhas fontes de inspiração e amor. Aos que compartilham da minha felicidade, meus pais: Maria e Manoel e minhas irmãs: Simony e Suerda. A minha orientadora, Luciana Carla, que me acolheu e incentivou, me inspirando a seguir nas pesquisas, desbravando os conteúdos relacionados ao tema. As amigas Geisa e Paula, presentes que a psicologia me proporcionou e a todos os professores da UNIRN por contribuírem com a minha formação,

compartilhando o que de mais rico existe: O conhecimento! E sobretudo a Deus, meu alicerce.

APÊNDICE A – MEMORIAL DESCRITIVO.

II – FORMAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E ATUALIZAÇÃO

Sou formada em Administração de Empresas, pós graduada em Gestão Estratégica de Pessoas e curso o 8º período da graduação em psicologia. Há 10 anos trabalho na área de Recursos Humanos como gestora. Durante esse tempo, fui membro da diretoria da ABRH - Associação Brasileira de Recursos Humanos – Seccional RN por 4 anos, assim como participei de diversos cursos na área de gestão, congressos e eventos do segmento do desenvolvimento de pessoas e psicologia. Nos últimos quatro anos, tenho me dedicado a participar de cursos da área da psicologia, uma vez que tenho interesse em atuar na área clínica e embora o meu atual vínculo se aproxime da psicologia organizacional, me sinto cada vez mais encantada com as diversas possibilidades do fazer psicológico. A vivência em meu local de trabalho (um Hospital Infantil), fez com que o meu olhar para o humano fosse ampliado, me despertando o desejo de desenvolver o meu trabalho de conclusão de curso voltado para a prática do psicólogo fora do contexto organizacional.

III – ATIVIDADES ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.

No exercício do meu trabalho, ministro cursos e palestras para os colaboradores do Hospital, atuando em diversas áreas – desde a assistência técnica, administrativos às turmas de residência médica. Durante o curso de psicologia, participei de quatro edições do CONIC, sendo em uma delas com apresentação de pôster e nos demais anos, participei como ouvinte em diversas palestras e mini cursos. Participei também dos Encontros de Anatomia, alguns fóruns e Semana de Psicologia do UNI-RN.

IV - OUTRAS EXPERIÊNCIAS COMO ESTÁGIOS, PARTICIPAÇÃO DE PROJETOS, EVENTOS, CONGRESSOS, ASSESSORIAS, ETC.

Já participei de vários projetos de educação, inclusive como organizadora de Congressos e de alguns cursos da área de gestão de pessoas. Na área hospitalar, sou a coordenadora geral dos eventos de capacitação e desenvolvimento dos colaboradores da saúde. Podendo citar: A Jornada Interdisciplinar em Oncologia Pediátrica, assim como um evento que ocorre anualmente, no qual participam diversos profissionais da área, que é a Semana Multidisciplinar. Já participei de debates em mesas redondas a convite da Faculdade de Natal e também como

organizadora de vários Congressos realizados em Natal, promovidos pela ABRH-RN.

V – PRODUÇÃO CIENTÍFICA COMO ANAIS (RESUMOS PUBLICADOS EM CONGRESSOS), ARTIGOS, RESENHAS, PUBLICAÇÕES.

Participação no XV Congresso de Iniciação Científica de 2015, na categoria Pôster, com apresentação dos trabalhos:

- “PSICANÁLISE E A VELHICE.” Desenvolvido sob a orientação da professora Izabel Feitoza e Cristiane Clébia.
- “O OLHAR DAS CRIANÇAS DIANTE DAS DIFERENÇAS EM UMA ESCOLA PARTICULAR DE NATAL/RN.” Desenvolvido sob a orientação da professora Rocelly Cunha.

VI – OBSERVAÇÕES RELEVANTES RELACIONADAS A PRIORIDADES ESCOLHIDAS QUANTO ÀS LINHAS DE ESTUDO.

Interesse pela área infantil, especificamente, pelo tema das perdas que a criança vivencia ao longo da vida, e o seu processo de luto.

APÊNDICE B – TCC I

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITARIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

SABRINA DE FARIAS ROBERTO FREITAS TAVARES

O LUTO INFANTIL: REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

NATAL/RN

2017

SABRINA DE FARIAS ROBERTO FREITAS TAVARES

O LUTO INFANTIL: REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Artigo parcial para conclusão do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio grande do Norte.

Orientadora: Prof^a Dra. Luciana Carla Barbosa

NATAL/RN

2017

SABRINA DE FARIAS ROBERTO FREITAS TAVARES

O LUTO INFANTIL: REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Artigo parcial para conclusão do curso de Psicologia do Centro universitário do Rio grande do Norte.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Luciana Carla Barbosa

Prof. Nome do Professor

Prof. Nome do Professor

Natal

2017

RESUMO

Diante das diversas perdas que perpassam a vida, a morte ainda é considerada um tabu na cultura ocidental, principalmente quando se trata do luto vivenciado pela criança. Há resistência e provável inabilidade dos adultos (cuidadores - pais, profissionais). Por isso, é importante promover reflexões e possibilidades de um olhar mais atento dos cuidadores acerca das dores emocionais e as perdas de vínculos que provocam o luto infantil. Este artigo trata-se de uma revisão bibliográfica, o levantamento utilizou as bases de pesquisa LILACS, PePSIC e SciELO. As publicações analisadas foram da literatura nacional dos últimos quinze anos, além do aporte teórico ter como base, grandes referências nacionais e internacionais através de livros considerados clássicos do tema. O presente estudo tem como objetivo, levantar dados acerca do luto infantil e suas repercussões no desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Criança. Luto. Desenvolvimento. Família.

ABSTRACT

Up to the various losses that happens through life, death is still a considerable taboo in western culture mostly when it is about children mourning experience. There exist an adult resistance and a probable inability for caregivers, parents and health workers. That's why is important to promote to caregivers reflections and possibilities aiming for a closer look about emotional pain and bound losses, because they generate children grief and mourning. This article is a literature review and the used data survey was from research bases like LILACS, PsPSIC and SciELO. All the analyzed publications were from the past fifteen years of national literature and furthermore classics books and international theoretical contribution were resorted. The mainly objective of this study is to gather information about children mourning and its repercussions in to the child's growth and development.

keywords: Child. Mourning. Grief. Development. Family.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LILACS: Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde

PePSIC: Portal de Periódicos eletrônicos de psicologia

RN: Rio Grande do Norte

SciELO: Scientific Eletronic Library online

UNIRN: Universidade do Rio grande do Norte

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	
09	
1.1 Conversando sobre o luto.....	
11	
1.2 A importância da família no desenvolvimento infantil	12
1.3 As repercussões do luto no desenvolvimento infantil	13
2- METODOLOGIA.....	10
3- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
11	

O LUTO INFANTIL: REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

THE LUTO INFANTIL: REPERCUSSÕES IN THE DEVELOPMENT OF THE CHILD

Sabrina de Farias Roberto Freitas Tavares³

Luciana Carla Barbosa⁴

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre a morte ainda é considerado um “tabu” no ocidente, uma vez que as pessoas evitam entrar em contato com esse assunto, seja por medo de se deparar com a perda de pessoas queridas, seja em virtude da resistência à sua própria morte. Desde que o mundo é mundo, sabemos que a morte faz parte da vida. Nascemos, crescemos, “reproduzimos” e morremos. Essa regra se aplica a todos os seres vivos. Porém, ainda assim, existe uma evitação por parte de muitas pessoas, quando se aborda esse tema. Segundo Ariès (1977 *apud* KOVÁCS, 1992, p. 154), na idade média as pessoas manifestavam seus sentimentos em relação as perdas de maneira livre e espontânea, porém, com a expansão do poder da igreja enquanto Instituição, houve uma mudança nas práticas e a orientação era de que as pessoas fossem mais contidas e seguissem estritamente os rituais ditados exclusivamente pela igreja. Já no século XX, ainda de acordo com Ariès, permaneceu a ideia de conter a manifestação do luto, uma vez que a sociedade condena a expressão de dor, esperando que o sujeito reaja com domínio e controle diante da situação da perda e no que se refere às crianças, devem ser afastadas para que não façam parte daquele contexto. De acordo com Kovács (1992), o modo como enxergamos a morte, certamente influenciará a nossa maneira de ser. Para a autora:

A morte sempre inspirou poetas, músicos, artistas e todos os homens comuns. Desde o tempo dos homens das cavernas há inúmeros registros sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas,

³ Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNIRN. Natal-RN.

⁴ Doutora pelo Programa de Pós – Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Especialista em Psicologia da Saúde: Desenvolvimento e Hospitalização. Psicóloga da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNIRN. Natal-RN.

também, como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio. (p.2)

Sabe-se que muitas questões de perdas ao longo da vida da criança, remetem ao processo de luto e, para além das coisas materiais, existe ainda o luto vivenciado pela morte de alguém querido. Neste sentido, os reflexos sobre essas perdas serão discutidos ao longo deste trabalho, assim como os aspectos relacionados as repercussões no desenvolvimento da criança. Embora existam conteúdos científicos sobre o tema, encontra-se dificuldades em leituras específicas nos últimos cinco anos, dando a ideia de uma possível resistência ou falta de interesse para tal, o que motivou a persistir a busca de informações acerca do assunto e elaborar de acordo com os conteúdos acessados, um artigo que traga reflexões sobre o estudo dessa área para que se possa expandir esse campo de pesquisa e ampliar o número de publicações científicas.

CONVERSANDO SOBRE O LUTO

Durante o ciclo da vida, o ser humano passa por várias fases, incluindo o processo de desenvolvimento, que traz, naturalmente, as questões de vida e as suas perdas. Kovács (1992, p. 149-150) aponta que a morte faz parte da vida, assim como a elaboração dessas perdas são contínuas e inerentes ao processo de desenvolvimento do indivíduo. Ainda na infância, ocorre um luto a partir da separação dos pais ou de alguém por quem a criança possui um vínculo afetivo, assim como várias outras razões particulares e eventos que perpassam as fases da vida. Chiattonne (*apud* Bruner, 1971), “cita que a percepção da morte ou de qualquer outro fenômeno é norteadada pela extensão com que a criança é capaz de perceber, interpretar, classificar e integrar o estímulo do seu ambiente.” Ou seja, a percepção, a dor e o sofrimento da criança é intrínseco e singular. É peculiar à sua individualidade e ao contexto no qual está inserida, assim como a fase de vida de acordo com o seu grau de maturação. Sendo assim, cada criança, de acordo com o seu espaço e o seu modo de compreensão, vivencia as situações com menor ou maior clareza, maior ou menor dor. Para Papalia (2013. p. 643), “As crianças poderão entender melhor a morte se, desde pequenas, forem apresentadas ao conceito e incentivadas a falar sobre isso.” Durante a vida, existem diversos aspectos relacionados às perdas e, de acordo com cada fase do entendimento da

criança, pode-se abordar o assunto de forma que esta possa, aos poucos, perceber a situação como um processo natural e parte da vida, compreendendo que poderá causar dor e sofrimento, porém, que sobretudo não é ela, a criança, a culpada pela morte. Quando um animal de estimação morre, por exemplo, é uma possibilidade oportuna para conversar sobre isso com a criança. Permitir que ela se expresse em relação a como se sente e como compreende essas perdas, é um fator importante para a elaboração e adaptação no processo de luto, garantindo um espaço de fala, reflexão e manifestação de suas emoções.

A criança passa pelas mesmas fases de luto que o adulto, desde que esteja de posse dos esclarecimentos de que necessita e que devem ser fornecidos, levando-se em conta o seu nível cognitivo e capacidade de compreensão. (KOVACKS, 1992, p. 157)

Portanto, compreender que a criança se desorganiza diante da perda, e que isso é peculiar e subjetivo de acordo com a fase de vida, é imprescindível. Segundo Ajuriaguerra e Marcelli (1991), “a noção de morte para a criança se organiza em torno de dois pontos essenciais, a percepção da ausência e posteriormente, a integração da permanência desta ausência.” Ou seja, primeiramente a criança observa e sente a falta e a partir disso, ela concretiza a falta em virtude da permanência constante.

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Na antiguidade, não existia o modelo de família como conhecemos hoje. Os seres humanos vivam em grupos e se organizavam conforme as suas necessidades. O grupo era responsável por prover alimento, segurança e o cuidado com as crianças e idosos. À medida em que o homem foi se organizando socialmente e o conceito de propriedade privada foi estabelecido, os indivíduos começaram a se agrupar em células menores, onde o nível de parentesco começou a ser levado em consideração, para que os bens materiais do grupo fossem protegidos. Ainda hoje, é possível observar esse tipo de relação em algumas tribos e comunidades. Para além das questões de organização do modelo de capital, existem as relações estabelecidas com o grupo familiar, sendo esse, o primeiro grupo ao qual o sujeito se ver inserido.

A família, desde os tempos mais antigos, corresponde a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida das pessoas, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo com o qual mantém constante interação. (Pratta e Santos *apud* Biasoli-Alves, 2004).

A família é o primeiro grupo social que possui um papel fundamental na constituição do indivíduo, o que compreende as questões de valores, de afetos e de possibilitar aos seus membros um lugar de acolhida e segurança. De acordo com Silva (*apud* Szymanski 2008), “a criança ao nascer, já encontra um mundo organizado” e esse mundo tem formas e significados para ela. A partir disso, se inicia o processo de construção individual e a sua constituição de sujeito. De acordo com a autora, a família é o primeiro referencial para a formação da sua identidade, afirmando ainda, que a família é constituída como o primeiro padrão de atividades e papéis e que as relações dos membros e suas trocas, são fundamentais para a estrutura e base acerca do estudo do indivíduo. Sabe-se que não existe um padrão de família específico e que cada uma é constituída por seus valores e características particulares, uma vez que somos seres humanos com diferenças de comportamentos e culturas. Contudo, é importante frisar que mesmo dentro das especificidades, independente de raça, crenças, religião ou contexto social, a família é importante para a formação do ser, assim como fundamental para o seu desenvolvimento.

AS REPERCUSSÕES DO LUTO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O princípio da individualidade e que cada ser é único e singular, nos permite compreender que o olhar e a forma como cada um vivencia o luto é pessoal e relativa. Portanto, cada pessoa reage às situações de forma própria ou de acordo com o seu repertório vivido até aquela fase de vida. Perceber a morte de alguém querido e vivenciar tudo o que a envolve, poderá trazer algumas repercussões que reflitam nos aspectos de desenvolvimento da criança. Durante uma fase da vida, a criança acredita na reversibilidade da morte e em outro peculiar momento, passa a enxergar como irreversível. Papalia, Feldman e Martorell (2013, p. 642), compreende que:

A criança passa a acreditar que certos grupos de pessoas (digamos professores, pais e crianças) não morrem, que quem for suficientemente esperto ou felizado poderá evitar a morte, e que ela própria será capaz de viver para sempre.

As várias fases do desenvolvimento são também experiências de morte em vida. O desenvolvimento futuro representa perda, morte e sacrifício de formas anteriores. Kovács (1992, p. 163) nos diz que existe a perda de algo conhecido e a angústia diante do novo. Todas essas mudanças refletem no dia a dia e na elaboração do luto que a criança vivencia. “Os processos defensivos são constituintes regulares de todo o processo de luto, em qualquer idade, e se tornam patológicos quando assumem caráter irreversível, fazendo parte integrante da vida.” (KOVÁCS, 1992, p. 157), ou seja, processos defensivos poderão ser considerados como estratégias de defesa do indivíduo, frente ao estresse e sofrimento causado pela perda e a sua permanência após o período de adaptação, poderá ocasionar um processo de adoecimento. É possível pensar a perda como algo danoso, que provoca angústia, tristeza, insegurança e tantas outras questões a partir das relações, sentimentos e vínculos afetivos. Perder algo ou alguém por quem se tem afeto, faz com que o ser humano se desestabilize, ainda que por um tempo, até que se (re)organize diante da dor causada pela separação. A criança, “ao definir vínculos afetivos, coloca o apego como uma forma de vinculação a sua figura, sendo que a separação inexplicável tenderia a causar stress, e a separação permanente causaria luto.” Nascimento (2006, *apud* AINSWORTH, *apud* BOWLBY, 1990, p. 433-434).

Para tanto, essa pesquisa é de grande relevância para as discussões do tema, considerando que há poucos dados científicos nos últimos cinco anos e ainda, pela oportunidade de contribuir com a prática clínica e, de alguma forma, com os profissionais que tenham interesse na área do luto infantil.

METODOLOGIA

Este trabalho de conclusão de curso, trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza básica, de caráter exploratório descritivo que utiliza a revisão bibliográfica para a construção de um artigo. Utilizou-se plataformas científicas virtuais como base de pesquisa (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde - LILACS, Portal de Periódicos eletrônicos de psicologia – PePSIC, Scientific Eletronic

Library online – SciELO), publicações de revistas eletrônicas e alguns livros clássicos científicos do tema. Foram pesquisados artigos que abordam sobre o luto na infância (crianças de 0 a 12 anos), assim como literaturas que tratavam das perdas vivenciadas pelo infante.

A escolha por este tema se deu a partir de um desejo de compreender todo esse processo que envolve a criança e nessa perspectiva, objetiva-se primordialmente, identificar, através de revisão bibliográfica, as possíveis repercussões que o luto traz para o seu desenvolvimento.

As palavras chaves na pesquisa foram: criança, luto, desenvolvimento e família, utilizadas para buscar e localizar material para a elaboração desse trabalho. O Levantamento bibliográfico totalizou cerca de 25 referências, das quais 17 foram selecionadas, incluindo 05 livros e 12 artigos (periódicos e revistas eletrônicas).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, Svetlana Bacellar; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Psicoterapia lúdica de uma criança com AIDS. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 229-237, set. 2006.

BOWLBY, John. **Apego e Perda: Perda: Tristeza e Depressão**, volume 3 da trilogia/ John Bowlby. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ALMEIDA, Fabiane de Amorim. Lidando com a morte e o luto por meio do brincar: a criança com câncer no hospital. **Bol. psicol.**, São Paulo, v. 55, n. 123, p. 149-167, dez. 2005.

ANGERAMI – CAMON, Valdemar Augusto (organizador); CHIATTONE, Heloísa Benevides de Carvalho... [et al.]. **E a Psicologia Entrou no Hospital**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

COHN, Clarice. A criança, a morte e os mortos: o caso mebengokré-xikrin. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 93-115, dez. 2010 .

CAVALCANTI*, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK*, Milena Lieto; BONFIM**, Tânia Elena. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Psicol inf.**, São Paulo, v. 17, n. 17, p. 87-105, dez. 2013.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 503-511, dez. 2007.

KOVÁCS, Maria Júlia (organizadora). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1992.

LIMA, Vanessa Rodrigues de; KOVACS, Maria Julia. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 390-405, 2011.

NASCIMENTO, Cecília Cassiano et al. Apego e perda ambígua: apontamentos para uma discussão. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 426-449, set. 2006.

NASCIMENTO, Lucila Castanheira et al. Crianças com câncer e suas famílias. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 469-474, Dec. 2005.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, ago. 2007.

SANTOS, Franklin Santana; SCHLIEMANN, Ana Laura; SOLANO, João Paulo Consentino (editores). **Tratado Brasileiro Sobre Perdas e Luto**. São Paulo: Atheneu Editora, 2014.

SILVA, Nancy Capretz Batista da et al. Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 215-229, 2008.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Morte, luto e organização familiar: à escuta da criança na clínica psicanalítica. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 63-76, 2006.

TINOCO, Valéria; FRANCO, Maria Helena Pereira. O luto em instituições de abrigamento de crianças. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 28, n. 4, p. 427-434, dez. 2011.

VENDRUSCOLO, Juliana. Visão da Criança sobre a Morte. **Medicina (Ribeirão Preto. Online)**, Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p. 26-33, mar. 2005.